

**caderno de  
educação**

**ilê aiyê** 1995—2013  
**projeto de extensão pedagógica**

**17**

**esmeraldas, pérola  
negra do equador**







É com imensa satisfação e orgulho que apresentamos esta edição comemorativa que reúne todos os Cadernos de Educação publicados pelo Ilê Aiyê. Esta coleção simboliza a centralidade do projeto de educação, reparação histórica e afirmação das dimensões afro-brasileiras.

A parceria com a Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação reforça a importância histórica e a relevância política, artística e cultural dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê. Essa iniciativa se alinha a uma prática de extensão que enxerga a educação como um processo de transformação social, promovendo a valorização e o reconhecimento da cultura afro-brasileira.

Assim como o Ilê Aiyê, que, a partir do Carnaval Negro e da potência criativa de J. Cunha, ressignificou a maior festa popular da Bahia, os Cadernos de Educação buscam conectar a educação às raízes culturais e históricas do povo negro. A Associação Cultural Ilê Aiyê, desde sua fundação há 50 anos, surgiu da luta por repre-

## prefácio

sentatividade e pela valorização da cultura afro-brasileira. Com sua atuação no bairro da Liberdade, o Ilê Aiyê transformou seu espaço em um território de resistência e educação, criando a escola comunitária Mãe Hilda e a Band'Erê, com seu modelo pedagógico inovador baseado na cultura e na História do povo negro no Brasil.

O Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, criado em 1995, expandiu essas ações para outras escolas da comunidade, capacitando professores e educadores a abordar a História e a cultura afro-brasileira em sala de aula. Esse projeto, assim como os Cadernos de Educação, promove o desenvolvimento de uma consciência de pluralidade cultural, combatendo o racismo e reforçando a importância da ancestralidade e da identidade negra.

O compromisso da UFRB com esse projeto reflete sua missão de promover a inclusão e a valorização das culturas de matrizes africanas, colaborando com a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Que esta edição comemorativa dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê inspire educadores, estudantes e toda a comunidade acadêmica a continuar a luta por um mundo melhor e sem racismo, celebrando a riqueza e a diversidade das culturas afro-brasileiras.

**prof. danillo barata**  
**pró-reitor de extensão e cultura da ufrb**

**1995—2013**

**caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica**

# **ORGANIZAÇÕES DE RESISTÊNCIA NEGRA**

**Valéria Lima**

**ensaio**

**6**

Resistir é um verbo constante na vida de qualquer pessoa negra. Resistimos desde os navios negreiros, que arrancaram nossos ancestrais de Mãe África e os espalharam pelas Américas, principalmente pelo Brasil. As mãos negras construíram este país, a terra que “em se plantando tudo dá”, e que deu para os nossos apenas dor e trabalho. No entanto, resistimos.

Apesar de as escolas ensinarem por séculos que não houve resistência à escravidão por parte dos africanos usurpados de seu continente, aos poucos estamos resgatando tantas histórias contrárias que foram ocultadas dos livros. Hoje sabemos dos muitos levantes que ocorreram para acabar com a escravidão neste país. Conhecemos as histórias das irmandades, dos quilombos, das negras de ganho, que se organizaram para garantir não só a sua liberdade, mas também a de tantos outros irmãos e irmãs. A liberdade das mulheres que lutaram para manter vivas as tradições, os costumes e a religiosidade de matriz africana.

As organizações de resistência negra no Brasil desempenharam um papel crucial na luta contra o racismo, a discriminação e a desigualdade social. Desde a chegada dos africanos escravizados no país até os dias atuais, essas entidades têm sido fundamentais na promoção dos direitos civis, culturais e políticos da população negra brasileira. Além de tudo que foi realizado ao longo dos intermináveis

séculos em que durou a escravidão no Brasil, muito foi feito pelo povo negro deste país para driblar os resquícios da escravidão. Apesar de o letramento não ser permitido às pessoas negras, muitos eram os que sabiam ler e escrever, de modo que, ainda no século XIX, a imprensa negra já se fazia presente. Como bem nos apresentou Ana Flávia Magalhães em sua pesquisa publicada em *Imprensa negra no Brasil do século XIX*, *O Mulato* ou *O Homem de Cor*, datado em 14 de Setembro de 1833 foi o primeiro veículo negro deste país.

Os quilombos são importante símbolo de resistência e organização. Os escravizados que fugiram das plantações e engenhos tornaram-se referências de liberdade e luta contra a opressão. Em um ambiente de brutalidade e exploração, os quilombos ofereceram refúgio e autonomia, com os negros podendo viver de forma livre, em comunidade, preservando suas tradições culturais, e praticando sua religião. O mais famoso deles, Palmares, liderado por Zumbi, resistiu por quase um século, exemplificando a resiliência e a força coletiva dos afro-brasileiros na luta pela liberdade e justiça.

Organizar e resistir para existir! As irmandades religiosas foram determinantes para a sobrevivência dos negros e negras escravizados. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, fundada na Igreja da Sé, no centro de Salvador, é datada de 1685. Posteriormente foi transferida para uma igreja construída com recursos próprios e com o trabalho dos membros da Irmandade. Os terreiros de candomblé, assim como as irmandades, nasceram em meio à escravidão. Os Orixás, Inquices e Voduns, que aqui desembarcam com os africanos, fizeram morada em todas as regiões do Brasil, de norte a sul. As religiões

de matriz africana se mantêm vivas, apesar do racismo e das perseguições. Os registros informam que os primeiros terreiros surgiram por volta de 1830 (p. 8,1995). E nesses espaços sagrados, mães e pais de santo garantiram a manutenção dos cultos originários de África, com uma identidade brasileira.

A mais antiga associação civil negra do Brasil nasceu na capital baiana e há quase 200 anos transforma a vida de negros e negras. A Sociedade Protetora dos Desvalidos, fundada em 16 de Setembro de 1832, inaugurou novas possibilidades na vida de inúmeros escravizados. Liderado por Manoel Vitor Serra, africano livre, um grupo de homens da capital baiana se reuniu para garantir a liberdade de outros, comprando cartas de alforria. Entretanto, ao longo de todos esses anos, a organização atuou de diversas formas, como caixa e empréstimos e penhores, apoiando no tratamento de doenças, na invalidez, na velhice e na garantia de um funeral para aqueles que não podiam pagar. E foi se reinventando de acordo às necessidades que foram surgindo no pós-abolição. E segue, ainda hoje, lutando contra o racismo e as desigualdades por ele ocasionadas.

Com a abolição da escravidão em 1888, a luta pela igualdade continuou, uma vez que a população negra permaneceu marginalizada. A Frente Negra Brasileira (FNB), fundada em 16 de setembro de 1931 por Abdias do Nascimento, desempenhou um papel crucial na luta pelos direitos civis e sociais da população negra no Brasil. Como uma das primeiras organizações de massa lideradas por negros, a FNB buscou combater o racismo e promover a integração social, política e econômica dos afro-brasileiros. Através de campanhas de educação, assistência jurídica e atividades

culturais, a FNB trabalhou para elevar a autoestima da comunidade negra e exigir igualdade de oportunidades. Sua atuação pioneira pavimentou o caminho para os futuros movimentos negros do país, deixando um legado duradouro na luta contra a discriminação racial. Embora tenha sido fechada pelo Estado Novo de Getúlio Vargas em 1937, seu legado influenciou grandes movimentos subsequentes.

A partir da década de 1970, com o fortalecimento dos movimentos sociais no Brasil, houve um ressurgimento significativo de organizações negras. O Ilê Aiyê e o Movimento Negro Unificado, nascidos nesse período, são os responsáveis pelas configurações de movimentos que conhecemos na atualidade. Influenciados pelos Panteras Negras, que lutavam pelos direitos civis nos Estados Unidos da América, surge o primeiro bloco afro do Brasil. O Ilê Aiyê, idealizado por Antonio Carlos Vovô e Apolônio Souza de Jesus Filho, fundado em 1º de Novembro de 1974, ganhou as ruas do carnaval de Salvador a partir de 1975, e, com as bênçãos de Mãe Hilda Jitolu, cantou a beleza e a história do povo negro no Brasil e em África.

O Ilê realizou uma verdadeira revolução estética no Brasil, através do trabalho inovador de Dete Lima. Os turbantes e as amarrações inspiradas nas vestimentas dos Voduns do Axé Jitolu, em conjunto com as estampas desenvolvidas por J. Cunha, deram vida às cores da entidade. Suas ricas vestimentas, seus adereços vibrantes e suas expressões culturais autênticas exaltaram a beleza e a identidade afro-brasileira. A estética desenvolvida pelo bloco não apenas resgatou tradições africanas, mas também desafiou os padrões eurocêtricos de beleza, promovendo o orgulho racial e a autoestima entre os negros. Essa revolu-

ção visual e cultural do Ilê Aiyê teve um impacto profundo, influenciando a moda, a arte e a identidade afro-brasileira por gerações.

O Movimento Negro Unificado (MNU), criado em 1978, destacou-se como uma das principais entidades na luta contra o racismo estrutural e na promoção da consciência negra. O MNU tem se empenhado em diversas frentes, incluindo a denúncia da violência policial, a luta por cotas raciais e a valorização da cultura afro-brasileira. Cultura e política se encontram e se reinventam por igualdade e justiça. Para que possamos ser quem somos, assumindo nossa identidade no jeito de ser e de se vestir do povo negro deste país.

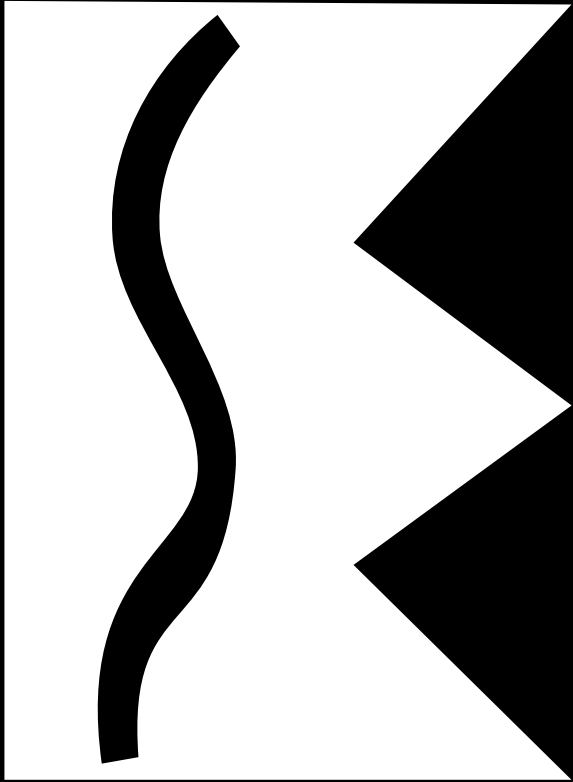
**OS ORIXÁS, INQUICES  
E VODUNS, QUE AQUI  
DESEMBARCAM COM OS  
AFRICANOS, FIZERAM  
MORADA EM TODAS AS  
REGIÕES DO BRASIL**

## **Abrangência**

A partir dos anos 2000, a resistência negra no Brasil vem ganhando novas configurações e formas de atuação. Enquanto, na década de 1970, elas se dividiram entre culturais e políticas, na atualidade é difícil listar todas. Seja através das artes, da música, com o uso de novas tecnologias, através do afrofuturismo, pelas redes sociais; seja qual for o caminho, o objetivo é sempre ampliar a representatividade e combater o racismo em todas as esferas da sociedade brasileira. Nos últimos anos, diversas organizações foram criadas, destacando-se a Coalizão Negra por Direitos, de abrangência nacional. A Coalizão reúne várias entidades que, embora atuem individualmente em seus respectivos territórios, mantêm-se unidas e vigilantes pelo bem comum. A união dessas forças exemplifica a crença de que juntos somos mais fortes e capazes de alcançar objetivos ainda maiores.

Em 6 de Janeiro de 2023, nasceu no bairro do Curuzu, mesmo local em que outrora surgiu O Mais Belo dos Belos, o Instituto da Mulher Negra Mãe Hilda Jitolu. A organização foi criada com o objetivo de manter viva a história e o legado de mulheres negras que tiveram importantes contribuições para o movimento negro brasileiro, iniciando-se pelo legado de Mãe Hilda Jitolu, a matriarca do Ilê Aiyê, que muito contribuiu para a valorização da cultura e religiosidade negras. Mãe Hilda nasceu em Salvador, em 6 de janeiro de 1923, e em 1952 fundou o Terreiro Axé Jitolu, em um dos bairros mais negros da capital baiana, o Curuzu.

O futuro é incerto, mas, enquanto houver racismo, haverá resistência!



# sumário

4	prefácio
6	ensaio
16	apresentação
19	breve contextualização
22	antecedentes históricos de esmeraldas
24	uma breve contextualização cultural e étnica
27	uma palavra sobre os palenques
28	no reino dos negros e indígenas
29	a cidade de esmeraldas
31	o caminho percorrido por esmeraldas
33	a criação do cantão de esmeraldas
34	esmeraldas, a capital da província
36	a economia em esmeraldas
37	turismo e lazer
38	tradições culturais e religiosas predominantes
43	monumentos, pontos turísticos, eventos

49	a arte que o povo cria em esmeraldas
50	o representante da cultura negra nacional
51	mitos e lendas
55	diversidade cultural entre culturas
59	o movimento cultural negro no equador
64	propostas de atividades pedagógicas
67	antologia poética
79	uma breve contextualização
81	identidade
87	mãe hilda: a senhora dos ilês
90	algumas expressões de mãe hilda
91	entidades que homenagearam mãe hilda jitolu
92	mãe hilda recebeu prêmios, medalhas e condecorações
93	mensagens dirigidas à família
98	jônatas conceição: saubarense de boa cepa

**1995—2013**

**caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica**

# **ESMERALDAS, PÉROLA NEGRA DO EQUADOR**

**apresentação**

Prezado leitor, chegamos afinal a trinta e cinco anos (1974-2009). Em trinta e quatro carnavais cantamos e narramos histórias de povos africanos em diversas épocas, das nossas lutas aqui no Brasil para a libertação e dignidade do nosso povo e também narramos a história dos nossos irmãos dos Estados Unidos. Foram 34 temas onde o Ilê Aiyê, com a sensibilidade que Olorum concedeu a nossos compositores, colocou na boca do povo negro baiano e brasileiro e contou histórias que a educação oficial do país sempre quis esconder. Mas, nós estamos aí, e por nossa própria conta, como nos ensinou Steve Biko.

Em 2009, o Ilê Aiyê cantou/contou, pela primeira vez, a história da resistência negra na América do Sul, em países de língua espanhola. Falamos de Esmeraldas, cidade fundada por negros e indígenas no Equador, que desde o século XVI se consolidou como a República dos Zambos - filhos de indígenas com africanos de diversas origens étnicas: Mandingas, Congos e Angolas.

É um pouco desta história que você tem nessa edição do nosso Caderno de Educação. Esperamos muito que este trabalho contribua para que nossos jovens possam conhecer ainda mais a história de resistência negra na América do Sul, em um país de língua espanhola.

**Axé e boa leitura,**

**Antônio Carlos dos Santos Vovô - Presidente. Salvador, setembro de 2009**



## **Linha imaginária**

**(Marcos Boa Morte)**

O Ilê relata com altivez outra negra história  
Exaltando equatorianos, os baianos de fé  
Originários de lá da Guiné, no oceano o navio naufragou  
Surge assim o laço africano com Equador.  
Preservam religiões de matriz africana  
Manifestações culturais, mitos, estórias lendárias  
Se tornando independente, capital da província e não para  
Segue em frente, ultrapassa barreiras linha imaginária.  
Vamos cair na gandaia  
Arrasta sandália, groove de tambor  
Linda cidade Esmeraldas  
A pérola negra do Equador.  
Belezas naturais, seus mares e rios  
Diversidade climática  
Cidade verde, cidade do sol, marimba, Esmeraldas.  
Ilê Aiyê com a visão do mirador  
Ilê Aiyê canto negro historiador  
A voz do Ilê ecoou no Himalaia  
Cruza a linha imaginária do Equador

# Breve contextualização

## 01



O processo de formação, desenvolvimento e continuidade da resistência em Esmeraldas tem sua origem entre Marronaje, Palenques, Cimarrones, República de Índios e Negros e República dos Zambos.

A história que se inicia desde o século XVI se consolida em tempos contemporâneos, com a criação de um espaço de confluência de populações diversas, cuja maioria é de origem africana, inicialmente Mandingas, Congos (alguns de filosofia Bantu) e Angolas e que cria a República de Zambos, hoje cidade de Esmeraldas, com maioria de população negra.

No ano de 1550, ocorre um marco histórico

para muitos descendentes de africanos da costa sul-americana do Pacífico: a corte espanhola libera aos conquistadores o direito de levar uma nave com 1700 africanos escravizados, livre de imposto, pela rota do Panamá ao Peru. Ocorre que uma das embarcações naufraga entre outubro e novembro de 1553 na costa de Esmeraldas.

“A crônica a respeito escrita pelo sacerdote espanhol Miguel Cabello de Balboa refere-se a 23 negros africanos, 17 homens e seis mulheres que vinham na nave, e escaparam do naufrágio”.

“Este grupo de negros se constituiu, no solo, no primeiro coletivo de africanos no Equador, hoje considerado o berço da africanidade equatoriana”.

“A comunidade de cimarrones se interna na selva esmeraldina. Comandados por Anton e equipados com as armas dos espanhóis, ‘subtraídas’ no momento do naufrágio, articulam-se aos indígenas locais, inicialmente vencendo os Niguas, Malabas e Caypas, mas acabaram perdendo a vida do seu líder, numa luta contra Campaces e Yumbos”. DA MESMA FONTE IN: UMA NARRATIVA AFRO-EQUATORIANA, CIMARRONAJE CULTURAL: EM AMÉRICA LATINA. FRANKLIN MIRANDA. ABYA YALA EQUADOR. QUITO 2005

“Naufrágio de um navio negreiro no Oceano Pacífico. 23 negros surgiram livres da escravidão. Primeiro líder negro em Esmeraldas foi o poderoso Anton. Mas o grande rei foi Allonso, sábio líder bantu... (SANDRO TELES, MARIO PAM E GUIQUIO)

Com a morte do primeiro líder, Anton, Allonso Illescas o sucede, um homem considerado negro ladino, que junto com seu grupo era originário da Guiné, de língua e filosofia Bantu. Sucederam-se muitas lutas e múltiplas negociações. A aliança entre negros e indígenas lhes permitiu criar ou organizar certa hegemonia Zamba, o que, entre outras vantagens, lhes assegurava, através da mestiçagem entre eles, um fato de sobrevivência de suas línguas ou grupos étnicos.

Em 1577, os negros conseguem o que os espanhóis denominaram o perdão pelo “delito da cimarronage”, e assim foi criada a República dos Zambos, cujo primeiro governador foi Allonso Illescas.

Com o desaparecimento de Illescas, as negociações encaminham-se para a constituição de uma nova liderança com dois governadores: o filho de Allonso, Sebastián Illescas, e um outro líder influente da família de Zambos.

1995—2013

caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica

# Antecedentes históricos de Esmeraldas

02



Esmeraldas está situada no noroeste equatoriano. Pela costa do Oceano Pacífico, constitui a província equatoriana que se limita com a Colômbia.

O mar desempenhou um papel muito importante na cidade de Esmeraldas, do mesmo modo que o sistema fluvial que se estende pelo interior.

O clima da região é tropical, úmido e chuvoso. A selva em Esmeraldas é exuberante, espalhando-se até as extremidades das montanhas andinas.

O estudioso Jean Rahier, a falar de Esmeraldas, diz que se trata de uma região para além das fronteiras nacionais e das terras baixas do Pacífico, juntando Panamá, Colômbia e Esmeraldas .

Costa de Esmeraldas foi descoberta por Bartolomé Ruiz em 1526. Em seus primeiros tempos coloniais, a região era utilizada apenas como lugar de passagem, por duas razões: pelo pouco interesse comercial que despertava, e pela força dos indígenas, que não se deixavam colonizar.

1995—2013

caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica

# Uma breve contextualização cultural e étnica

03



O bombo, o cununo, o guasá  
Na letra são tambores de lá  
Entre povos Emberas, Cachis,  
Eperas, Katios, Awás...”  
(AMILTON LOPES, MARCOS ALVES E MILTON  
DO SINA)

Esmeraldas é o mais significativo núcleo da cultura negra e da representação da África e de seus descendentes no Equador.

A natureza esculptou Esmeraldas numa confluência de mar, montanhas e exuberante vegetação, além de uma diversidade climática e de sistemas de biodiversidade.

Todas estas características lhe asseguram os títulos de cidade verde, cidade do sol e hoje agraciada pelo ILÊ AIYÊ com a homenagem de ser: Esmeraldas - Pérola Negra do Equador.

A diversidade étnica e cultural em Esmeraldas se concretiza entre povos:

- ◆ Cachis
- ◆ Awás
- ◆ Eperas
- ◆ Emberas
- ◆ Katios

Esses povos se concentram principalmente na Zona Norte e nos cantões de San Lorenzo e Elloy Alfaro, onde se encontram profundas raízes de tradições culturais entre costumes, lendas, mitologias e rituais. A música, através da marimba e seus tambores, constitui uma das expressões culturais mais fortes da região.

A música, a dança e os bailes representados pela manifestação cultural mais significativa do país têm na marimba e seus tambores um dos mais fortes referenciais da cultura esmeraldina.

É a partir destas raízes culturais que se constitui o agrupamento de negros africanos, à margem esquerda do Rio Esmeraldas, numa continuidade que ainda hoje se realiza, sobre estas terras, desde os primeiros habitantes que chegaram à Baía de Caragues, pelo mar, entre os séculos VII e VIII a.C.

Os relatos falam que esses primeiros habitantes desembarcaram na confluência dos rios Esmeraldas e Guayllamba. Faz parte das crônicas e contos tradicionais a ideia de que as primeiras comunidades que se estabeleceram em Esmeraldas eram originárias da cultura Chorrera, uma cultura regional que sucedeu aos Machalila que datam dos anos 1300 a 550 a.C. Sabe-se que estes povos se estenderam por quase toda a costa do Pacífico.

De acordo com Salvat, a cultura mais remota da região que hoje se tornou Esmeraldas passou por três fases:

1. A fase TACHINA - 1500 a 500 anos a.C.
2. A fase TEAONE - 500 anos a.C.
3. A fase BALAO, que vem da área compreendida entre Esmeraldas e as margens do Rio Esmeraldas. Assim, reuniam-se culturas Andinas e Africanas.

Na organização da República dos Zambos, prevalecia a continuidade da tradição africana, atribuindo-se a categoria de Rei. Há uma articulação forte entre tempos, lugares, propósitos e história em Esmeraldas. Os escritores falam de Marronage, Palenques, Cimarronnes, Zambos e Bantus: todos tinham uma proposta de luta, pela conquista de liberdade, de construção de espaço político e cultural e destruição das forças dominantes desde a colonização. Em algum momento, dizem, o Grupo de Illescas era dotado da mesma força dos Palenques.

# Uma palavra sobre os palenques

04



“...Falar de Esmeraldas, é lembrar  
Palmares Rio das Rãs, Flexal  
Os nunca foram conquistados  
Eles foram sem igual...”

(SANDRO TELES, MARIO PAM E GUIGUIO)

Os Palenques eram um espaço de resistência, cenário de liberdades e conquista de poder. Os Palenques nunca foram conquistados pelos espanhóis. Os seus chefes conselheiros sempre tiveram muita habilidade política face aos perigos e riscos de cooptação e de manipulação, de acordo com desvantagem para os objetivos do seu povo africano e seus descendentes.

05

# No reino dos negros e indígenas a luta pela liberdade sempre existiu



Para alguns historiadores, se houve colonização em Esmeraldas, foi por um brevíssimo tempo, relativamente a outros períodos coloniais.

Fernando Jurado assegura que até o Século xx havia grupos de negros e Zambos que falavam idiomas indígenas e, em alguns casos, línguas africanas.

Em 1820, deu-se a independência de Esmeraldas e, em 1822, a independência definitiva do Equador com a Batalha de Pichincha.

# A cidade de esmeraldas

06



“Esmeraldas Pérola Negra do Equador  
Nasceu em alto mar  
No naufrágio a liberdade que virá.  
Esmeraldas a retomada do poder  
A luta para não escravizar o ser  
A história envolve o povo do Ilê...”  
(VALMIR BRITO, LUZ LENE E JÓ  
NASCIMENTO)

Esmeraldas é uma cidade verde, rodeada de vegetação em todos os ângulos. Nela se concentra um fluxo migratório de população que vem principalmente da área rural. Realizam intercâmbios, mesclas, trocas culturais sem perder de vista que a maioria da população é de origem africana, desde os tempos primordiais, em aliança com os povos indígenas originários do lugar antes dos tempos coloniais.

Em Esmeraldas, se cultivam as tradições de cultura, religião e lazer, além das atividades econômicas entre agricultura, pecuária, indústria, comércio, serviços, a pesca, o turismo, a arte chamada de artesanato e a música. Atualmente, as atividades ligadas aos postos e atividades petrolíferas são de significativa importância na vida do povo de Esmeralda, valorizando-se produtos da própria região: o barro, o bambu, a palha, a cana da índia e o junco.

1995—2013

caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica

07

# O caminho percorrido por Esmeraldas antes de tornar- se a capital da província



Até o final do século XIX, Esmeraldas teve suspensa sua comunicação com o resto do mundo por via marítima. Os esmeraldinos mantinham seus contatos com Tumaco por tradições culturais e com o posto de Guayaquil, o que tornou Esmeraldas alijada dos outros centros do país.

Com a chegada do trem que abriu o caminho para a estrada de ferro, Esmeraldas liga-se com a serra — Ibarra, São Lorenzo — e cria-se então um corredor étnico-cultural entre as províncias de Esmeraldas, Pichincha, Imbabura, Napo e as atuais Sucumbios e Orellana, potencial corredor transregional da parte norte do país.

Esmeraldas, enquanto povoado indígena, existiu na primeira desembocadura do Rio Viche, depois San Mateo e dali foi atingida pelos efeitos da colonização e da evangelização: muitos decretos, leis e mudanças.

Finalmente, a nova capital da província se estabelece em um lugar eleito para este fim: é a atual cidade de Esmeraldas que conta, hoje, com a presença da cultura afro-esmeraldina, convivendo com sinais de desenvolvimento, que têm sua origem na relação com a natureza através dos recursos do mar, dos rios, lagoas, dunas, vegetação, plantas e condições climáticas.

# A criação do cantão de Esmeraldas

08



O cantão de Esmeraldas foi criado em 1824 e fazia parte da província de Imbabura, depois foi reintegrado à província de Pichincha e incluía Esmeraldas, Atacames, Rio Verde, La Tola, San Francisco e Concepción.

1995—2013

caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica

# Esmeraldas, a capital da província

09



Esmeraldas, conhecida como a província verde, está situada no extremo norte-ocidental da República do Equador, tem uma extensão de 15.239 km e está situada e constituída pelos cantões de Esmeraldas, Eloy Alfaro, Atacames, Muisine Quinendé, San Lorenzo e Rio Verde. Na província de Esmeraldas encontra-se o maior núcleo de afro-equatorianos do Equador, constituído por comunidades originárias/tradicionais entre as quais podemos citar: Cachis, Awá, Eperas, Embera e Katio.

A cidade de Esmeraldas é hoje a capital da província, situada à margem esquerda da desembocadura do Rio Esmeraldas, quatro metros sobre o nível do mar.

Esmeraldas tem uma situação geográfica muito especial onde coexistem dois estilos de vida bem definidos: o marítimo e o fluvial.

# A economia em Esmeraldas

## 10



Em 1978, foi criada a refinaria da Petrobras. Houve um grande crescimento do Porto de Embarque, incluindo-se a produção vinda da Amazônia.

Na zona central da cidade - a parte antiga, que corresponde a uma área de 250 hectares -, 20% da população trabalha em serviços básicos, de infra-estrutura e produção de equipamentos comuns. A grande maioria deste contingente de população é negra (afro-equatoriana).

A cidade, a partir dos anos 1980, com o boom petrolífero, cria o aeroporto, o posto comercial e dois terminais petrolíferos.

# Turismo e lazer

11



Para o turismo e lazer, a região oferece suas lagoas, suas praias - dentre as principais encontram-se a Lagoa do Timbre, a Praias de Achilube, Camarões, Matildes e Tacusa.

Há balneários de água doce: Volta Larga, Tabiazo e San Mateo.

12

# Tradições culturais e religiosas predominantes em Esmeraldas



“...Na República dos Zambos as mulheres são fundamentais

Valorizam o parentesco, famílias matrilocais  
Oralidade esmeraldina, povos Illescas, káticos e cachis

Papa Roncón é o líder negro mais conhecido do país...”

(EDILSON BAMBAMBAM E ALDO NASCIMENTO)

## **Religião**

Embora o catolicismo tenha resistido fortemente através da ação missionária dos padres jesuítas, para desaculturar o negro esmeraldino, não houve logros significativos. O negro esmeraldino vive mais à vontade entre manifestações espirituais-religiosas de matriz africana. As suas crenças são os seus ancestrais.

A natureza e as divindades intermediárias entre o ser supremo e os seres humanos têm um papel muito importante na vida das pessoas e das comunidades. Há contradições que se explicitam neste jogo de escolhas e definições religiosas.

## **Matrifocalidade**

As comunidades esmeraldinas se articulam a partir de uma base matrifocal familiar. O parentesco para o povo de Esmeraldas é fundamental para manutenção, sobrevivência e continuidade dos ancestrais e antepassados familiares.

## **O Lugar da Mulher na Cultura Afro-Equatoriana**

O parentesco é fundamental na estruturação das famílias e comunidades. Há um traço predominante de matrifocalidade na formação social das sociedades Regras do Equador.

Na literatura, é ressaltado o valor da mulher esmeraldina, que tem papel fundamental na educação formal, na formação da consciência crítica, visão de mundo, relações com a cosmogonia, com a dimensão transcendental da vida e na oralidade. A mulher ocupa lugar destacado na produção literária de autores a exemplo de Nelson Estupiñán Bass, autor de “Cuando los Quayacanes florecian” (Coleccion Antares, 1994), Estupiñán diz que o escritor

deve ser revolucionário, o que implica na comunhão com o seu povo. Para o autor, escrever é criar um sendeiro brilhante de valentia, liberdade, igualdade, dignidade e vida. São estas as indicações que se encontram nos escritos que falam dos negros africanos, que chegam e constroem uma negritude revolucionária ao longo do tempo de suas vidas, em Esmeraldas.

### **A Relação do Povo Negro de Esmeraldas Com a Natureza**

A natureza é decisiva para o povo esmeraldino: o rio e o mar, seu entorno, produtos naturais e clima condicionam as expressões culturais.

### **A Oralidade em Esmeraldas**

A oralidade não é ausência de escritura. Pela oralidade a cultura se transporta e se transforma em outras partes do mundo, constituindo a diáspora que é a vivência, a continuidade. Em Esmeraldas, a oralidade transmite o que o afro-esmeraldino tem recebido do homem, da natureza, do divino, do poético, enquanto recurso pedagógico, que cumpre funções sociais e culturais de educar, instruir, criar espírito crítico, ter ética e ao mesmo tempo dar alegria às pessoas, aos grupos e comunidades.

### **A Medicina Natural**

A medicina em aliança com a natureza, cosmogonia e a força da palavra tem o poder e a ação movidos pelo sobrenatural. É considerada uma forma de comunicação com os poderes transcendentais.

## **A Música, a Dança, os Bailes**

Os grupos culturais são integrados por músicos, bailarinos, tambores, ritmos. Nos bailes, os homens ostentam chapéus e lenços coloridos e as mulheres retorcem as cadeiras, balançam as saias ao ritmo de cantos tradicionais e ao som de bambos, maracás, cununos e gualás. A marimba é a principal expressão de música e dança em Esmeraldas, e vem do Rongo Africano.

## **Os Tambores no Equador**

- ◆ O Bombo
- ◆ O Cununo
- ◆ O Guasá

Conservam o ritmo africano para acompanhar a letra das canções que expressam o sentimento do homem negro e sua relação com a natureza e o mundo transcendental que lhe dá identidade e memória.

## **Indumentária Esmeraldina**

Em dias de celebrações de manifestações culturais, as mulheres vestem-se com blusas bordadas, com renda e mangas largas, saias largas muito amplas ou plissadas, anágua branca, com fitas, rendas e bordados; usam turbantes e “condongas”. Os homens usam calças largas, camisa de manga larga, lenço vermelho no pescoço, outro na mão e chapéu de abas largas.

## **A Culinária Tapao, Ensumação, Pandá, Zurunda, Michiladas, as Encocadas, a “Pipa”**

A preparação dos alimentos entre as tradições africanas e as adaptações aos produtos americanos aqui encontrados

constituem um elemento cultural da maior importância para o povo negro de Esmeraldas, e os pratos típicos são: Tapaos, Encocadas, Panda, Pusandão e Zurumba, dentre outros.

Um dos pratos típicos de Esmeraldas é o Tapao, preparado com produtos regionais. Um tipo de sopa servida em uma vasilha funda, com vários tipos de carnes, fritas duas vezes seguidas, até ficarem bem douradas, com Patacones Verdes, também fritos até ficarem dourados, acompanhados de uma porção de arroz. Junta-se o leite de coco natural às carnes fritas. Serve-se com arroz e patacones. Outro prato é a Michiladas, feita com camarão do rio. São pratos típicos de regiões de beira-rio. Os camarões são cozidos com leite de coco, cebola, alho, coentro, sal e pimenta. Serve-se com arroz branco e banana verde cozida. Os camarões são preparados com casca e cabeça. Os doces tradicionais são as encocadas, preparadas com coco verde, açúcar, cravo-da-índia, canela e pimenta doce, tomates temperados com decoração típica de festas em Esmeraldas e a “pipa” - água de coco (não há referência de outra bebida).

13

# Monumentos, pontos turísticos, eventos que constituem a vida social, cultural e turística de esmeraldas



## **Festa da Independência de Esmeraldas**

Celebra-se no dia 5 de agosto o aniversário da Independência de Esmeraldas, que ocorreu nesta data no ano de 1820, em Rio Verde. As comemorações são públicas, em lugares abertos a todos os habitantes na Praça Cívica Nelson Estupiñán Bass, no Parque Central 20 de Março, na Calle Bolivar para o desfile militar. As festas constam de apresentações de grupos de música e dança. As candidatas à soberanas províncias estão preparadas em seus postos. Assim começa a festa, com desfiles, concursos, cavalgadas, inauguração da feira agropecuária industrial e artesanal, entre outros atrativos. Na noite do dia 04 de agosto são organizados bailes, festas dançantes sob os auspícios do município e em toda a cidade há apresentações de música e dança afro-equatoriana.

## **Mirador de Esmeraldas**

O mirador é um ponto de elevada altitude um lugar de observação da cidade de Esmeraldas, de onde é possível ter uma visão do alto da cidade, o porto da desembocadura do Rio Esmeraldas, extraordinária beleza natural e suas praias.

## **Catedral de Cristo Rei**

Esmeraldas tem sua catedral para celebração de missas e rituais católicos. Trata-se de uma arquitetura religiosa eclética do movimento moderno, com uma ampla área em vitrais, sobrepostos de madeira, cuja decoração provém de diversos lugares — o crucifixo vem de Ibarra, a estátua de bronze veio de Milão, os cálices foram doados por dois pontífices. A catedral está constituída sobre uma área de 800 m<sup>2</sup> aproximadamente e tem sua área de influência em todo o cantão de Esmeraldas.

A presença de clérigos e missionários foi pouco a pouco cobrindo áreas da cidade como a beira-rio, lugares de mais fácil acesso. Os clérigos europeus instalaram sua influência doutrinária com uma presença evangelizadora em Santiago de Guaiá-quil, Daule, Chomgor, Puna, Puertoviejo e Manta.

Até o Século XVI, essa presença missionária católica foi efetiva na província de Esmeraldas. A existência de ouro-metal utilizado pelos habitantes da terra para pagar tributo e comprar algodão e sal foi um concreto fato de aliciamento.

### **Praia de Camarões**

Trata-se de uma praia aberta com rocas medianas e grandes e poucas dunas, ocupada em 10% por embarcações pesqueiras, com palmeiras ao seu entorno e areia fina acinzentada. Não há ilhas em frente à praia e não se realizam atividades agropecuárias nas imediações da praia.

### **Balneário de Água de Volta Larga**

É um lugar de lazer para a população local e os arredores, muito visitados pela população de Esmeraldas, hoje um pouco relegado por certa popularização do espaço e por falta de manutenção. O maior atrativo deste balneário é que há espaço para dança e música. Os visitantes podem desfrutar de banho de rio, banho de higiene, lavagem de roupas e jogos, o que torna o lugar acolhedor.

### **Parque Central 20 de Março**

Parque de tipo decorativo comum, monumento ao centro cuja função principal é o descanso das pessoas e ornamentar a cidade. Um lugar para espairecer das lutas cotidianas por ser aprazível, com jardins, bancos, áreas de lazer e

descanso. Ao mesmo tempo, é um espaço para reunir os moradores e os visitantes. É uma homenagem a Luis Vargas Torres, um dos cidadãos ilustres de Esmeraldas.

### **Museu do Banco Central do Equador**

O museu em referência oferece ao público visitas para apreciar coleções de peças arqueológicas de Atacames, Costa Central, Sul e Norte, representando principalmente as culturas Tolita e Atacames. Trata-se de uma coleção custodiada pelo Banco Central, tratada com técnicas adequadas de conservação de museus. As exposições e as amostras trazem informações a respeito da periodização arqueológica comparativa das culturas pré-hispânicas da costa equatoriana Manabi e Esmeraldas e do Sul da Colômbia.

### **Centro Internacional Para a Diversidade Cultural Indo-americana e Desenvolvimento Humano**

O objetivo do centro é cultivar a diversidade e a não-discriminação. Esmeraldas abriga esse centro com o objetivo de promover o diálogo intercultural, com respeito pela diversidade étnica e cultural, além de promover a integração comunidade e academia. São princípios e valores cultivados nos trabalhos do centro pela diversidade: respeito aos valores democráticos e à cultura da paz, à participação cidadã, à aprendizagem dos saberes ancestrais, à proteção do patrimônio imaterial.

### **Conservatório Nacional de Música**

O conservatório oferece cursos de teoria e prática para formação de músicos e animação com prática instrumental, incluindo prática de grupos de Marimba. É um lugar

de aprendizagem e promoção da música e dança típicas afro-esmeraldense.

### **Plaza La Marimba**

Esmeraldas homenageia a sua cultura negra através de monumento numa praça triangular, com uma escultura de cerâmica no centro, representando a música e a dança típicas afro-esmeraldina. Trata-se de uma construção moderna, que abre o caminho para a entrada da cidade, a poucos metros do Rio Esmeraldas. É o marco para chegar ao centro da cidade. O monumento consta de dois bailarinos: a mulher com uma saia volante e o homem ajoelhado diante da mulher. Todo este cenário está arrodado de plantas ornamentais cultivadas na região.

### **A Igreja das Mercês**

Igreja considerada um ícone da fé cristã, construção moderna na qual foram utilizadas pedras do rio. É o local de celebração das missas e rituais católicos.

### **Festival de Música e Dança Afro**

Durante três dias consecutivos, se apresentam delegações de grupos de música e dança da Colômbia, Cuba, Bolívia, Peru e Equador. É o momento da competição para ganhar a Marimba de Ouro, que corresponde ao troféu das categorias: música livre, música tradicional e dança livre. Os grupos apresentam coreografias e trajes típicos em cores vivas. Tudo se passa num clima público participante. O objetivo maior é realizar um espetáculo artístico para mostrar a música e dança de distintas localidades e ao mesmo tempo premiar os melhores, escolhidos em suas categorias.

## **Mês Esmeraldino em Homenagem à Fundação de Esmeraldas**

É o mês do esmeraldinismo para recordar a fundação de Esmeraldas com a chegada dos espanhóis em 21 de setembro de 1526. Esta festa é celebrada todos os anos no mês de setembro com diversas atividades artístico-culturais. Os eventos se realizam em praça pública. Dias antes é realizada a Eleição da Rainha da Fundação, precedida de um desfile de gala pela cidade. Durante todo o mês de setembro, a Casa da Cultura Núcleo Durantidas organiza diferentes atividades artísticas de poesia, música, dança, canto e teatro. A festa termina com uma sessão da qual participam todos os habitantes, inclusive autoridades locais e nacionais, civis, militares e religiosas.

## A arte que o povo cria em esmeraldas

Em Esmeraldas, há uma riqueza cultural que se expressa em diferentes produtos de arte, utilizando como matéria-prima fibras, madeiras e sementes da região. Às margens do Rio Santiago, encontra-se a população que constitui a comunidade de São José, utilizando os produtos já referidos, além da folha de mate, para fabricação de lâmpadas, colheres, maracás, garrafas entre outras expressões de artes tradicionais e contemporâneas.

# O representante da cultura negra nacional

15

**PAPA RONCÓN** - Papa Roncón é um personagem conhecido em todo o território nacional como um dos representantes da cultura negra do Equador. Grande conhecedor e construtor de diferentes instrumentos utilizados na música esmeraldenha, principalmente a Marimba, e ao mesmo tempo um fino contador de mitos e lendas nos quais acreditam os representantes deste grupo étnico, os negros de Esmeraldas.

# Mitos e lendas

16

Tachina, Teaone e Balao  
Mito esmeraldense, El Rivel  
Origens étnicas, congos e angolas  
Toca a marimba a luz do céu...”  
(YTAMAR TROPICALIA, TINGA, KALI-  
LE E MARIVALDO)

## **Culturas andinas e africanas**

O povo negro de Esmeraldas possui um imenso repertório de mitos e lendas.

### **A TUNDA**

Uma das figuras lendárias mais importantes é Tunda, cuja aparência física tem as mais diversas imagens e interpretações. A maioria fala de um vento mau em forma de mulher, cujos pés são diferentes, um é pequeno igual ao de uma criança, o outro é em forma de uma cruz de madeira. É um fantasma que persegue a adolescentes e crianças. Diz-se que a Tunda anda sobre a extensão dos rios onde as vítimas tomam a forma de mães, tias, irmãs e ela as convidam para colher camarões do rio. O abraço de Tunda enlouquece as pessoas envolvidas no processo, que se passa ao longo dos rios — a pessoa fica entundada. Para encontrar essas pessoas é preciso seguir os rastros de um pé de criança e uma cruz, e tudo deve se passar ao som dos Bombos, o latido de cães, as palavras das rezas e o lançamento de água benta em todo o caminho percorrido.

### **O DUENDE**

Trata-se de anão com um grande chapéu que, nas noites de lua, cavalga sem descanso, com as crinas do cavalo trançadas para dominá-lo melhor. O anão é um grande conquistador sobretudo de mulheres de cabelos longos, ele lança pedras e canta cantigas para elas, acompanhadas com sua imensa guitarra (uma viola de grande porte). Quando ele consegue seduzir as mulheres bonitas de cabelos longos, ele as leva para sua casa no alto

de uma grande árvore. Para afugentar o duende, coloca-se ao seu alcance uma afunada capaz de reproduzir o som do mugido das vacas.

### **EL RIVEL**

O Rivel foi um homem bom, bonito, galanteador e festeiro. Conta a lenda que um dia ele se embriagou junto aos mortos num cemitério que visitava, no seu povoado. Para defender-se das almas que guerreavam com ele, sentindo-se sozinho, começou a arrancar as cruzes, uma por uma, até que só restou uma grande cruz, e ele a utilizou como uma tocha para guiar-lhe até o amanhecer do dia. Ao amanhecer, o cemitério estava sem cruzes. Para castigá-lo, Deus o transformou em uma “alma penada”. Sua alma só poderá ser liberada no dia que ele encontrar e conseguir afogar um viajante desprevenido para deixá-lo no seu lugar. O Rivel se apresenta e navega numa canoa tosca fabricada de madeira em forma de um casco, de onde aparece uma luz esverdeada. Esse mito influencia toda a população esmeraldense.

### **A GUALGURA**

É um fantasma que aparece à tarde no campo, em forma de uma galinha com suas crias. Quando alguma pessoa tenta aproximar-se, ela se transforma num grande fantasma de dimensões de um gigante. O perseguido, ao presenciar o fenômeno, ou sai correndo ou cai em desmaio.

### **OS ARRULHOS**

São manifestações culturais com canto, música e dança que acompanham as novenas, som, louvores aos santos e apresentam-se todos os anos na Praia das Palmas. Às

vezes, reúnem-se nas casas para cantar as glórias de um santo escolhido ou celebrado. Todos se reúnem em uma sala formando uma roda ao redor de um altar improvisado para o santo homenageado.

17

# Diversidade cultural entre culturas negras e indígenas. As especificidades do grupo étnico cachis



## **LÍNGUA**

Os povos do grupo Cachi vivem em Chapalachi, e a língua Cachi, quer dizer: gente verdadeira ou nossa gente. O povo Cachi exerce certas atividades econômicas: é pescador e colhedor de frutas, por tradição. Influenciados pela música, dança e pela cultura negra, os Cachis possuem sua música e dança próprias, cuja manifestação principal é a Marimba.

## **MORADA**

Tipos de Construção do Povo Cachi: A vivenda típica dos Cachis é construída sobre Pilotis a 1,80m do solo como proteção contra as inundações, cujo acesso é através de uma rústica de travessas de madeira. O piso é de barro, as paredes são de bambu, quando tem melhores condições cobrem as suas casas com zinco.

## **COMIDAS E BEBIDAS TRADICIONAIS**

Sua alimentação é preparada à base de pesca que vem do rio e cultivo de vegetais, principalmente tubérculos (raízes).

## **MITOS E LENDAS DO POVO CACHIS**

A mitologia Cachi é muita rica. Os principais mitos falam de certas figuras lendárias ou antológicas.

## **EL LEEGUME**

Espírito das montanhas, anda com o vento sempre em direção à montanha. Para afugentá-lo, sopra-se com fumaça de cachimbo e chama-se num longo eco: uuuuuuh! Se ele responde, a pessoa adoece e é capaz de morrer.

## **BEERETU**

Tem a aparência de um veado branco, é um bom músico, não causa nenhum mal a quem não o tema.

## **HUAICO**

Vive no precipício, quando morre um individuo ele exige que se realizem cerimônias rituais próprias para a ocasião.

## **PRINCIPAIS CELEBRAÇÕES RITUAIS DO POVO CACHIS**

Os rituais mais importantes são celebrados em relação às etapas transcendentais do individuo: nascimento, matrimônio e morte. A celebração maior dos Cachis é a Yusa-Fandanyo (festa de DEUS), a mesma que se celebra quando acontece algum fenômeno natural que possa colocar a comunidade em perigo.

## **ARTES CACHIS**

Os Cachis confeccionam redes, utensílios de pesca, canoas, cestos e esteiras utilizando fibras vegetais.

## **VESTUÁRIO ENTRE OS CACHIS**

Normalmente, os Cachis se vestem igual a outros camponeses esmeraldenses. Em certas ocasiões, usam as roupas tradicionais. Para os homens: um camisão largo e longo até os joelhos, com calção tipo pantalonas largas e botas de borracha. As mulheres usam uma saia larga de cores brilhantes, fortes, com torso e colares.

## **ORIGEM DO POVO CACHIS**

O historiador Jijon Caamano conta que os Cachis têm origem amazônica e emigraram via Pimampiro e Putumayo

para Ibarra, de onde se dirigiram para Porto Velho, descendo o Rio Santiago, passaram pela Praia de Ouro até o Rio Zapalio Grande e em seguida ao Rio Cayapas. A migração se deu face ao temor dos incas e dos espanhóis.

1995—2013

caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica

18

# **O movimento cultural negro no equador e a especificidade de esmeraldas**

A negritude como movimento cultural nunca fincou raízes suficientemente fortes no Equador. Durante muito tempo, houve um modismo para teóricos e pensadores.

Em Esmeraldas, alguns autores estiveram sempre escrevendo de um ponto de vista afrodescendente, o que nunca significou uma hegemonia.

O homem negro era sempre situado e apresentado como uma figura proletária e, sobretudo, como alguém que deu uma contribuição cultural decisiva à idéia de nação equatoriana. O país continua analisado sob uma perspectiva pluricultural, mas não se pode negar o racismo dissimulado que acompanha a sua história.

A literatura equatoriana que trata da realidade de um país construído entre culturas diversas é mais conhecida no exterior que dentro do próprio país.

Nesse processo, Esmeraldas mantém o seu lugar de fonte da cultura negra equatoriana - matriz da afro-equatoriedade — nascida com as populações negras, que chegaram pela escravidão e pela colonização aos vales da Cordilheira dos Andes. São os negros afro-esmeraldinos que mais modificaram a cultura do Equador do ponto de vista de sua africanidade.

“Os negros livres de suas cadeias impuseram suas marcas na História e na Vida de Esmeraldas”

“O Reino dos Negros e Indígenas marca a História de Esmeraldas como uma experiência, principalmente de união entre povos”.

### **ILLESCAS, ARROBES E CACHIS**

“A natureza é decisória para Esmeraldas, o rio, o mar do entorno, produtos naturais e clima marcam as expressões culturais negras.”

## **glossário**

- ◆ **CHIMARRONE - MARRONAJE** Grupos organizados com proposta de luta política por liberdade e construção de espaços de poder, resistência e contra os poderes coloniais
- ◆ **CONGO** País da África Central - Congos no Brasil são organizações inspiradas em estruturas de poder nas civilizações do Congo representadas por reis, rainhas e seus corpos.
- ◆ **CACHIS AWÁS, EPERAS, EMBERAS, KATIOS** São grupos étnicos que representam a diversidade étnica e cultural de Esmeraldas.
- ◆ **DIÁSPORA AFRICANA** - Presença e afirmação das civilizações tradicionais africanas em diferentes lugares do mundo fora do Continente Africano. Por ex: a diáspora africana brasileira.
- ◆ **DUENDE** Figura mitológica representada por um anão que aparece às mulheres nas noites encantadas de Esmeraldas.

## glossário

- ◆ **DIVERSIDADE** Tradições, culturas, valores, usos, costumes que constituem as diferenças civilizatórias que fundamentam as pluralidades étnicas e culturais.
- ◆ **BANTU - FILOSOFIA** Orientação de pensamento a partir da civilização dos povos BANTU.
- ◆ **ILLESCAS** Primeiro governador da República dos Zambos.
- ◆ **PALENQUES** Espaço de resistência, cenário de liberdade e conquista de poder aqui no Brasil representados pelos Quilombos.
- ◆ **MATRIFOCALIDADE** Organização comunitária/societária familiar a partir de uma base matrifocal, ou seja, o foco teria a mulher/mãe.
- ◆ **BOMBO, CUNUNO, GUASÁ** São tambores do Equador, significam memória, identidade e transcendência.
- ◆ **MANDINGA** População de origem africana constituinte dos povos que criam a República dos Zambos.
- ◆ **MARIMBA** Instrumento musical que representa um dos mais fortes símbolos da cultura de Esmeraldas.

## **glossário**

- ◆ **PIPA** Bebida típica do Equador à base de água de coco.
- ◆ **TAPAOS, PANDA, ZURUNDA, MICHILADAS** Pratos típicos da culinária esmeraldina, criados entre tradições africanas e americanas.
- ◆ **ORALIDADE** Sistema educacional através do qual as civilizações tradicionais passam seus saberes de geração em geração.
- ◆ **PLAZA DE LA MARIMBA** Lugar onde se celebra uma das mais significativas festas culturais de Esmeraldas.
- ◆ **RESISTÊNCIA** Luta Política com determinação, combate, mobilização, organização em torno de princípios para conquistas de ideais comuns.
- ◆ **TAMBORES** Instrumentos musicais considerados objetos sagrados para as religiões africanas e afro-brasileiras.
- ◆ **REPÚBLICA DOS ZAMBOS** O Reino de negros e indígenas que se constituem em Esmeraldas em busca de liberdade.

**1995—2013**

**caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica**

# **Propostas de Atividades Pedagógicas**

## atividade

- 1. Complete as sílabas e descubra os povos africanos que formaram a República de Zambos, hoje cidade de Esmeraldas.**

MAN \_\_\_\_\_ GAS

\_\_\_\_\_ GOS

\_\_\_\_\_ GO \_\_\_\_\_

COM \_\_\_\_\_ NA \_\_\_\_\_ DIN \_\_\_\_\_ LA

- 2. Desembaralhe as palavras e conheça os principais grupos étnicos da população da cidade de Esmeraldas.**

- a) SAWA
- b) SCEHAC
- c) SEAREEF
- d) MFERASE
- e) SOITAK

(Cachis, Awás, Eperas, Emberas, Kátios).

- 3. Complete as sílabas e conheça os tambores do Equador:**

O \_\_\_\_\_ BO

O \_\_\_\_\_ NU

OGUA \_\_\_\_\_

(O bombo, o cununo, o guasá)

## atividade

4. Complete as palavras com as letras que estão no quadro abaixo e conheça alguns personagens dos mitos e lendas do povo negro de Esmeraldas.

- a) A \_\_\_\_\_ UNDA
- b) O \_\_\_\_\_ UENDE
- c) EL \_\_\_\_\_ IVEL
- d) A \_\_\_\_\_ UALGURA
- e) OS \_\_\_\_\_ RRULHES

T D G A R

5. CAÇA PALAVRAS

EAOIJPALENQUEST  
BCPROVINCIA TVERDE  
JCACHISVAWAUEPEROSVEMMBARARKATIOM  
TULAGAADOTIBREPOPRAIASDEACHIDOBERO  
TVADPAPASIRONCÓN

- a) PALENQUES - mesmo que quilombos
- b) PROVÍNCIA VERDE - o mesmo que Esmeraldas
- c) CACHIS, AWA, EPERAS, EMBERA, KATIO: comunidades originais/tradicionais de Esmeraldas.
- d) LAGOA DO TIMBRE, PRAIAS DE ACHILUBE, COMAIÓS: áreas de turismo e lazer.

1995—2013

caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica

# Antologia poética

*LETRAS DE MÚSICAS CATEGORIA TEMA E POESIA*

## **Esmeraldas, negras histórias**

**(Amilton Lopes – Marcos Alves – Milton do Sina)**

O encanto dessa negra história  
Vem narrada pelo nosso afro Ilê  
Com a independência de Esmeraldas  
Índios e negros lutam para fortalecer  
Província verde assim chamada  
Cidade do sol  
Conquista africana é  
Equador, Ilê  
Esmeraldas pérola negra  
Navio negreiro  
Todo mês de setembro  
Celebram a chegada dos espanhóis  
Concentração para esse evento  
Atividades culturais  
O bombo, o cununo, o guasá  
Na letra são tambores de lá  
Entre povos Emberas, Cachis,  
Eperas, Katios, Awás  
Nação afro-equatoriana  
Na expressão diz a família negra  
Ilê Nossa força transmite  
A liberdade pro povo dizer

## **Formatando a história**

**(Valmir Brito – Luz Lene – Jo Nascimento)**

Esmeraldas  
Pérola negra do Equador  
Nasceu em alto mar  
No naufrágio a liberdade que virá.  
Esmeraldas a retomada do poder  
A luta para não escravizar o ser  
A história envolve o povo do Ilê.  
Marimbas e tambores  
Que se preservou  
Na cultura afro-equatoriana  
Acasalados aos índios  
Mambus se formou  
A república negra equatoriana  
Cidade verde Cidade do sol  
Ilê Aiyê nos informa  
Lendas, costumes e religião  
Formatando a história  
Para a reflexão  
De lá  
No mar da África  
No mar de Esmeraldas  
No mar da Bahia  
Tem negro noite e dia  
Ilê Aiyê

## **Africanidade esmeraldina**

**(Edilson Bambambam e Aldo Nascimento)**

17 homens e 6 mulheres escaparam do naufrágio  
Sobreviventes cimarrones com índios se articularam  
Na linha do Equador, imaginária incognoscível  
Na diáspora africana, fusão de negros e índios  
Afro-equatorianos com afro-brasileiros têm algo em comum  
Negros guerreiros palenques como Ilê Aiyê do Curuzu  
Senzala Barro Preto é nossa casa, é o nosso Q.G  
Nesses 35 anos, Esmeraldas será o tema do Ilê.  
Esmeraldas, cidade mais verde e bela do Equador  
Formada por índio e negros africanos Pérola negra, Ilê te consa-  
grou.  
Na república dos Zambos as mulheres são fundamentais  
Valorizam e parentesco, famílias matrifocais  
Oralidade esmeraldina, povos Illescas, katis e cachis  
Papa Roncon é o líder negro mais conhecido do país  
Cultura afrodescendente, diversidade de etnias  
Mandingas, congos e angolas, crença e mitologia  
Cidade verde, exuberante, clima chuvoso, úmido e tropical  
Tem dois estilos de vida, marítimo e fluvial

# **Nzambi nos zambos**

**(Sandro Teles – Mario Pam – Guiguio)**

Ê aê aê aê aê  
Swinga aí minha Band'Aiyê  
Nzambi nos Zambos  
Mandinga e Congo  
Cimarrones, Malabás.  
Ilê Aiyê vem pra contar  
A história de uma pérola africana  
Que surgiu na América  
Naufrágio de um navio negreiro  
No Oceano Pacifico  
23 negros surgiram livres da escravidão  
Primeiro líder negro em Esmeraldas  
Foi o poderoso Anton  
Mas o grande rei  
Foi Allonso sábio líder bantu  
Cidade verde, cidade do sol  
Pérola negra da nação  
Que tem na história da República dos Zambos  
Africana tradição Rio das Rãs, Flexal  
Falar de Esmeraldas, é lembrar Palmares  
Os Palenques nunca foram conquistados  
Eles foram sem igual  
Ao som das sagradas marimbas  
A cultura mista se estabeleceu  
Negros e índios unidos rumo ao apogeu  
Esmeraldas, oh! Esmeraldas  
Pérola Negra do Equador  
O Ilê vem contar sua história  
Com som do tambor da Band'Aiyê....

## **Ilê, minha paixão**

**(Nem Tatuagem)**

O céu pode mudar de cor  
O mundo pode desabar  
Mas não te deixarei Ilê  
Porque o rio é pouco  
Pra quem busca o mar  
Ilê minha paixão  
Meu universo de tanto prazer  
Ilê o seu canto é forte  
Ecoa pelo mundo e faz terra tremer  
Viver sem você Ilê  
Meu coração fica tão vazio  
Chorando de tanta saudade  
E no meu peito bate um calafrio  
Não te deixarei Ilê  
Você é meu desejo  
Razão da minha vida  
Meu diamante negro  
Te quero hoje mais do que ontem  
Pode ter certeza, pode acreditar  
São trinta e cinco anos  
Vivendo esse amor, não posso te deixar

## **Ilê, um eterno aprendiz**

**(Paulo Natividade)**

Sou Ilê, sou feliz, sou da negra raiz  
Apesar de mais velho, um eterno aprendiz  
Todos nascem sem saber de nada  
Depois morrem sem saber de tudo  
Por isso o Ilê Aiyê está sempre aprendendo algo nesse mundo  
Senzala Barro Preto, templo de fé Ilê Axé Jitolu  
Centros de aprendizagem africana, Liberdade Curuzu (eu sou...)  
Sou persistente, resistente, envolvente, eu sou Ilê  
Sou quem carrega toda essa negra gente, eu sou Aiyê  
Nos 35º anos de felicidades  
Lá vem o Ilê espalhando alegria por toda cidade  
De turbantes, cabelos trançados  
Panos amarrados, estilo nagô  
Indumentárias africanas  
Sou Ilê, sou orgulho da raça, negrô  
Símbolo da negritude  
Sou de atitude, isso me dá prazer  
Me chamam "O mais belo dos belos"  
Perfil azeviche, quilombo Ilê. (eu sou...)

# **Ilê paradoxal**

**(Jose Carlos Cabelo)**

Ai que saudade  
De quem clamou a liberdade  
Viveu a dura realidade  
Na alegria e na dor, hoje nos deixou  
Um grande legado  
Não adianta está sacramentado  
E o destino que será traçado  
Só o tempo dirá, quem viver verá  
O Ilê Aiyê hoje se faz mais forte  
Hoje se faz mais presente  
Na vida dessa gente  
Que vive a festejar e a lamentar  
Paradoxalmente  
E o Curuzu a cantar  
Cha, cha la la la la cha la la la  
cha la la la la Ilê Aiyê  
Há de se transformar  
A lágrima num riso  
O inferno em paraíso  
Num tom zodiacal,  
Curuzu carnaval.  
Encurta a distância  
Entre o servo e a nobreza  
Entre o pobre e a riqueza  
Fazendo a comparação  
E deixando bem claro e evidente  
A força do Ilê Aiyê  
Da raça afrodescendente

## **Essência do Ilê Aiyê**

**(Rita Mota)**

Por favor, me libera  
Eu não quero pressão  
Que lá vem o Ilê  
Desfilando seus negros (negras) então  
Meu bem eu te falei  
Pra você não se desesperar  
Vamos comigo para o Ilê Aiyê  
Que a magia vai pintar  
Agora eu sei, você vai fundo  
Acabou seu sofrimento  
A essência local vai fluindo  
Tudo acontecendo sem tormento  
Se depois dessa emoção  
Você não achar seu passo  
Não se desespere não,  
Pois já sei o que é que eu faço  
Vou correr pro abraço  
Se perca de mim, quarta-feira eu te acho  
Tô no Ilê, quarta-feira eu te acho

## **Inconfundível Ilê Aiyê**

**(Silvio Almeida e Negro Lazaro)**

Comer o feijão no naje  
Da minha mãe preta  
Pisar na Senzala Barro Preto  
Pra curtir a Band'Aiyê  
Quem chega na senzala  
É por que não vai ter hora  
Fica esperando a aurora  
Ver o dia amanhecer  
Seja branco, vermelho  
Ou até de sangue azul  
Filhos da África do Sul  
Esse jeito mais afro de ser  
Eu quero é soltar a minha voz  
No coral negro, no coral negro  
No coral negro do Ilê  
Eu quero é soltar a minha voz  
No coral negro, no coral negro  
Inconfundível Ilê Aiyê  
Reverenciar minha deusa  
Chamada beleza negra  
Deusa do Ébano, Deusa do Ébano  
Me incorporar na subida da ladeira  
Subir o Curuzu  
E arrepiar a epiderme

# Saudações Ilê

(Jocyzléé)

É a realidade vista a olho nu  
Ilê do Curuzu entoando a canção  
Com esforço e dinamismo  
Vai formando cidadão  
É o povo carente na sala de aula  
Em busca de um futuro, de uma projeção  
Pois morar em palafitas não é mole não  
E não importa qual a sua graça  
Além do toque, além do canto e da canção  
Ilê tem uma porta aberta  
Tem um curso de “responça”, tem uma profissão  
Que ensina a arte de costura  
A arte de fazer calçados, dança e percussão  
Além de muitas outras coisas  
Na escola de Mãe Hilda aprende-se a lição  
Um só tijolo não faz construção  
A parceria faz a força, faz a união  
Ilê é o negro nas alturas,  
No gingado, na cultura, na sua postura  
É um livro aberto para a leitura  
Formação, dignidade, aquele que procura  
É Band’Aiyê, saudações, saudações, saudações Ilê  
Uma sinfonia de tambores,  
De repique que alegria é bom ouvir você  
Sua letra, sua melodia  
Transmite sabedoria é bom te conhecer  
E parabéns, parabéns, parabéns  
Parabéns pra você Ilê  
Por esses trinta e cinco anos  
Muita luta e resistência, eu vim te agradecer



# Uma breve contextualização

## 01

Há uma transcendência na história de vida de Mãe Hilda, garantida pela largueza de suas ações no mundo.

A Iyalorixá Hilda Dias dos Santos Jitolu, de origem africana, testemunhando suas raízes, circulou pelo país entre Nordeste, Sudeste, Centro-oeste e Planalto Central, orientando, aconselhando, levando axé, compartilhando destinos e missões e, sobretudo, reafirmando seu compromisso com suas origens de referências.

Mãe HILDA é a Senhora de Ilês, dona por ocasião de sua passagem para outra dimensão da vida, onde ecoam mensagens de diferentes lugares da terra, não por coincidência, todas seguindo um

mesmo fio condutor. O Orum está mais alegre com a chegada de Mãe Hilda. Nós aqui estamos mais fortalecidos.

Aiyê, sentimos saudades. A força do seu legado é certeza de continuidade de nossas ações, seguindo os mesmos objetivos com equilíbrio, tenacidade, esperança, união, na certeza de vitórias em nossas lutas contra o racismo e contra toda a sorte de desigualdades, dinamizando nossas referências culturais e religiosas, de raízes africanas e afro-brasileiras.

O Ilê Aiyê, no ano de 2004, homenageou essa Mãe Maior pela amplitude de sua maternidade: Mãe Hilda Guardiã da Fé e da Tradição Africana

As músicas de compositores que clamaram e celebraram a personalidade ícone de Mãe Hilda revelaram sua dimensão de guardiã.

Guardiã da tradição africana é aquela que guarda na dinâmica do tempo os dons da sabedoria que lhe foram confiados por uma predestinação que vem dos seus antepassados familiares e de seus ancestrais.

Na África, uma comunidade tradicional é guiada pelos conselhos dos sábios, dos anciãos. Aqui na Diáspora Africana, a tradição se dinamiza nos Terreiros de Candomblé e em outros espaços culturais e sagrados, onde a mãe espiritual guarda as chaves dos segredos e mistérios com os quais ela gera e regenera a vida de sua comunidade e muitas vezes, parte de uma família biológica ou de pessoas escolhidas pelas entidades sobrenaturais.

# Identidade

## 02

### **Origem familiar**

A senhora Hilda Dias dos Santos, nascida a 6 de janeiro de 1923, na cidade de Salvador, na Quinta das Beatas, no bairro de Brotas, casou-se no dia 6 de setembro de 1950, com o Sr. Valdemar Benvindo dos Santos, falecido no dia 13 de maio de 1988. Sr. Valdemar era funcionário público na cidade de Salvador. Do casamento que durou 38 anos, nasceram seis filhos, todos são profissionais, construíram suas famílias e são engajados em trabalhos sociais, culturais, artísticos e educacionais.

## **As relações familiares**

De tantas pessoas, lugares, entidades e instituições, a Iyalorixá Hilda Dias dos Santos Jitolu é mãe em plenitude.

Mãe por natureza de Antônio Carlos dos Santos Vovô, Presidente fundador do bloco Afro Ilê Aiyê, de Hildete Valdevina dos Santos Lima, diretora fundadora do Ilê Aiyê, de Vivaldo Benvindo dos Santos, diretor fundador do Ilê Aiyê, de Hadelta Dias dos Santos (in memorian), de Hildemaria Georgina dos Santos (in memorian) e de Hildelice Benta dos Santos, professora e diretora da Escola Mãe Hilda do Ilê Aiyê. Marley e Vinícius, seus primeiros netos, seguidos de Kehinde e Taiw, os gêmeos; suas primeiras netas Catarina Valéria e Valéria Catarina, as gêmeas; seguidas de Hidelita, Valdineide, Maria Catarina, Micaela Jawale, a neta mais nova, seu primeiro bisneto An e Mica Kallon e suas bisnetas: Suiane e Pérola. A genealogia mítico-espiritual é constituída por suas filhas e filhos de santo, suas Ekedes, seus Ogans e os por ela abençoados, com a mesma qualidade de afeto e cuidado, entre abiãs, yawós, simpatizantes, amigos das Casas – Ilês, incluindo-se os que fazem parte da Sociedade Filhos de São Lázaro e Dandarèrè (Associação da Melhor Idade) por ela criadas - todas as filhas e filhos que participavam do seu acolhimento, de sua força espiritual, de seus saberes, nos mais diversos campos. Referindo-se aos seus filhos e às suas filhas, netos e netas, sobrinhos e sobrinhas e filhas e filhos de santo, a sua palavra era sempre de muito afeto e muita delicadeza. Para cada pessoa da família ela lembrava uma história, um conto sempre com um humor profundamente simpático.

Ela contava histórias de quando eram crianças, jovens e mesmo adultos e, com sua excelente memória, ela guardava muitas lembranças de toda a sua família, da convivência

entre eles, da relação com as outras pessoas, sempre numa dimensão de coletividade, de partilha, de solidariedade com os parentes, os vizinhos, os colegas de escola. Com o tempo vieram as histórias do Ilê Axé Jitolu, do Ilê Aiyê e tantas pessoas que passavam para vê-la majestosamente sentada na cadeira simbólica da varanda de sua tradicional casa à rua do Curuzu, nº 233, Residência e Terreiro de Mãe Hilda.

### **Destino de uma mulher descendente de africanos**

Seguindo sua trajetória de mulher negra, vinda de família negra em Salvador, Mãe Hilda sempre trabalhou fora de casa. “Depois que fiz o santo, teve uma coisa que ele me pediu. Era uma coisa que tinha dentro do Axé, que era de longos anos, dos tempos das africanas: vender mesmo se ele não quisesse esse Axé pra mim, mas, por isso ou por aquilo, eu tinha que passar por isso. Comecei vendendo nos ‘Fiais’, vendendo comida nos ‘Fiais’<sup>1</sup>. Dai parei, depois recomecei, foi quando o santo começou a pedir obrigações, o tempo passando, eu fazendo as obrigações. Vendi, depois parei. Nessas idas e vindas comecei a ter filhos, meu marido se desempregou, aí voltei a vender novamente para criar meus filhos. Nesse tempo perdi meu Pai-de-Santo e fiquei em situação difícil.”

### **A linhagem espiritual de Mãe Hilda**

Mãe Hilda, filha de Obaluaê e de Oxum, herdeira do legado de duas civilizações africanas – Abomey e Yorubá –, continua presente entre nós. O velho continua na comu-

nidade e Mãe Hilda continua dinamizando, orientando, apoiando, fortalecendo a sua comunidade os seus dois Ilês: O ILÊ AXÉ JITOLU E O ILÊ AIYE, que ela tanto amou a um e ao outro.

Mãe Hilda sempre declarou que era iniciada no Candomblé, porque toda sua família era de Candomblé.

“Minha mãe tinha receios ante a responsabilidade com a religião, mas por questões de saúde eu devia ‘fazer o santo’. Chegado um determinado tempo eu tive que recorrer aos Orixás e ‘fiz o santo’ na casa de um senhor que se chamava Cassiano. Essa história é muito importante”. (citação de Mãe Hilda Jitolu no livro "Mãe Hilda, a história de minha vida" Org. Ana Célia Silva e Maria de Lourdes Siqueira). “Depois de um certo tempo, perdi o meu Pai-de-Santo. Aí segui minha estrada, meu axé, voltei ao Candomblé, para acabar as minhas obrigações, para dar segurança à minha vida procurando um terreiro, encontrei a Casa Cacunda de Iaiá Lá, o pessoal se interessou muito pelo meu Orixá”. Assim, sua história religiosa é retomada na Nação Jêje no Terreiro Cacunda de Iaiá, fundado em 6 de janeiro de 1935, que tem sua origem em Santo Amaro da Purificação, cujo Babalorixá era o Sr. Sinfrônio Pires”.

“As obrigações de três, sete, 14, 21 e 25 anos eu já fiz no Terreiro da Cacunda de Iaiá. Sendo que estas obrigações já foram feitas na minha casa - meu Orixá não quis ir para outro lugar. Assim nasceu o ILE AXÉ JITOLU a 6 de janeiro de 1952, com todos os fundamentos abrindo as portas para muita gente”.

“Em continuação, seguimos realizando a Festa de Oba-luaê a cada ano”.

## **A Presença do Caboclo em seu Axé Caboclo Tupiassu**

“O meu santo é jêje e na terra do jêje a gente tem que tomar os caboclos. Mesmo que ele seja jêje no pai wiri, mas ele veio para a terra dele.

O caboclo chegou, entrou e exigiu seu lugar e a gente tem que aceitar. O Brasil é terra de caboclo.

Então, a cada dia 7 de setembro, temos que abrir as portas pra louvar os caboclos. É uma festa de muita influência, muita dedicação de todos da casa.

Em uma ocasião “muito fina”, na casa de meu pai de santo, realizando uma reverência, ele passou como uma nuvem e se instalou”.

“Mãe Tança era uma pessoa muito boa. Fui tratada pela mão dela, quando meu pai de santo faleceu, ela me acolheu como se eu fosse filha de suas entranhas. Ela abriu a porta e o colo para mim”. Para Mãe Hilda, mãe não é só quem pare, mas quem cria e quem cuida. O que eu sei, o que eu passo para minhas filhas, as de santo, a conversa que eu tenho para louvar os Orixás, tudo foi dado por ela. Foi uma porta que se abriu.

A palavra do Pegigan, Pedro Alcântara da Rocha, conhecido como Pedrinho, Ogan confirmado em abril de 1933.

“Nós temos entre as filhas de santo, Hilda Dias dos Santos, filha de Obaluaê, que tem obrigações de três a 25 anos, tendo como tradição no seu Ilê Axé Jitolu, o dia 16 de agosto, a festa de Obaluaê. Em janeiro ela faz a tradicional obrigação de Oxalá.

Sobre Hilda, o que tenho a dizer é que é uma das pessoas, das filhas de santo que, com o falecimento do pai de santo dela, que chamava-se Cassiano, nós viemos a assu-

mir as responsabilidades com ela, e até hoje ela continua acompanhando a nossa casa”.

Entrevista concedida a Ana Célia da Silva, filha de santo de Mãe Hilda pelo Pegigan Pedro Alcântara Rocha, Sr. Pedrinho.

## **As filhas e filhos de santo de Mãe Hilda - A estrutura do Ilê Axé Jitolu**

O primeiro barco de filhas de santo iniciadas por Mãe Hilda foi de uma filha de Ogum e duas filhas de Oxum.

Seguiram-se outros barcos — hoje o terreiro totaliza mais de cem pessoas iniciadas, em barcos de duas, três e quatro filhas e filhos de santo.

Além dos barcos de filhos (as), tem os barcos de Ekedes e Ogans.

Os primeiros Ogans foram os filhos de Xangô. O primeiro Ogan de Obaluaê foi o filho de Xangô: Ogan Jaime e a primeira Ekededi foi Ekededi Clara.

Mãe Hilda deixa em seu terreiro uma Casa de Candomblé da Nação Jêje, estruturada com: barcos; filhos e filhas de santo; Ogans; Ekedes, Yawos e Abiãs.

O Terreiro tem regularidade na celebração de suas festas rituais e de iniciações de Yawos, confirmação de Ekedis, confirmação de Ogans, entre os quais o Ogan Vivaldo Benvindo dos Santos, que realizou sob os cuidados e orientação de Mãe Hilda Jitolu a sua obrigação de 14 anos em agosto de 2009.

# Mãe Hilda: A Senhora dos Ilês

## 03

O termo casa ou Ilê é utilizado no cotidiano para designar o lugar onde habita a família, que é o domicílio, a moradia da comunidade. É o lugar onde habitam os objetos sagrados, os símbolos das entidades, que dão sentido à espiritualidade, ao sagrado.

Mãe Hilda era guardiã do Ilê Axé Jitolu e do Ilê Aiyê, espaços onde as comunidades se reúnem para louvar aos ancestrais, para guardar suas memórias coletivas, para sentir que têm um lugar de pertencimento, uma casa onde as pessoas são conhecidas pelo nome, onde sempre há alguém de onde elas vêm, que seus antepassados muitas vezes conhecem suas histórias de

vida e para onde querem ir em suas trajetórias.

Na concepção africana, em língua yorubá, Ilê Aiyê é o lado humano, social, político, cultural e religioso onde se reúnem pessoas que acreditam numa sociabilidade afrobrasileira, numa ancestralidade de origem africana, numa forma organizada de realizar um encontro com uma cultura de raiz que os identifique<sup>2</sup>. O que significa um jeito próprio de ser, de se comunicar com o transcendental, de se divertir de acordo com suas raízes.

O Ilê Orum é o lugar dos deuses, das entidades sobrenaturais, da transcendência<sup>3</sup>. Mãe Hilda articulou na sua trajetória uma vida de realizações no Ilê Aiyê, que credencia, prepara, organiza sua passagem entre as duas dimensões: Aiyê e Orum. Nestes percursos são muitas as realizações de Mãe Hilda, seja no espaço mítico, religioso de seu terreiro, o Ilê Axé Jitolu, seja no bloco afro Ilê Aiyê, de cuja criação, concepção e ação sociopolítico cultural e pedagógica ela participa ativamente desde a primeira hora. Seja na Sociedade Civil, na qual é reconhecida em seu papel de mãe-educadora, ela zela pela corrente que estabelece a ligação entre sua família biológica e sua família de Santo aos antepassados e aos ancestrais.

Por todas estas razões, Mãe Hilda continua e permanecerá entre nós: na sua família biológica, na sua Casa, no Ilê Axe Jitolu, no Ilê Aiyê, e nos seus lugares de origem, onde ela fincou suas raízes. Daí partem suas ações que a tornaram reconhecidas no Movimento Social Organizado, no Movimento Negro da Bahia e do Brasil, no imaginário

de cada uma das pessoas com as quais ela conviveu. A convivência com Mãe Hilda se realizava no silêncio dos lugares sagrados; na sociabilidade da varanda de sua casa - terreiro; na repercussão de seu trabalho, sua fé, sua prática religiosa, seu testemunho de delicadeza, lealdade, luta, compromisso, coragem, humildade e firmeza que ela transmitia no cotidiano.

Pode-se destacar, entre os aspectos mais importantes do trabalho sociopolítico, cultural, religioso e educativo de Mãe Hilda: A criação do seu próprio terreiro, o Ilê Axé Jitolu; sua participação na criação e dinâmica dos 35 anos de Ilê Aiyê no seu papel de Mãe Espiritual e educadora; a criação da Escola Mãe Hilda; sua participação na criação da Escola Band'Erê; sua presença permanente na construção do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê em convênio com o Projeto Axé, Fundação Odebrecht e Secretaria de Educação do Estado e Município; a orientação religiosa de raiz africana na construção do currículo diferenciado nas Escolas do Ilê Aiyê; a orientação do ritual presenciado por milhares de pessoas na saída do Ilê Aiyê; a criação da Sociedade Filhos de São Lázaro e sua participação nas primeiras iniciativas para a criação do Memorial Zumbi dos Palmares, na Serra da Barriga em Alagoas. Mãe Hilda subiu a serra para cumprir obrigações à memória Zumbi: "Levei o que tinha que levar para Baba Zumbi dos Palmares em Alagoas". Mãe Hilda foi eleita entre mil mulheres candidatas ao Prêmio Nobel da Paz no ano, e foi co-participante dos livros "Brasileiras Guerreiras da Paz" e "Brasileiras", além de ter sido citada em monografias, artigos, gravações de vídeos, CD's e em Programas de Radio e Televisão.

## 04 **Algumas expressões de Mãe Hilda a respeito de seu trabalho social:**

Na semana da Mãe Preta: “Essa festa está crescendo por que mãe são todas as mulheres”. “A festa dos meus 50 anos de Santo, Olorum me deu esse direito”. “O selo e o cartão postal foi uma homenagem que meus filhos, meus amigos, meus filhos de santo me deram de presente”. “Eu abri as portas do meu barracão”. “Eu tinha muita vontade de implantar uma escola aqui dentro do meu Axé. Assim nasceu a Escola Mãe Hilda”. Nos 300 anos da imortalidade de Zumbi dos Palmares, “voltei porque sendo a pioneira neste trabalho, tinha que beijar aquela terra que Zumbi pisou como ancestral”. “O Ilê Aiyê tem uma força”. “Essa Casa é uma Casa de Cultura”

# Entidades que homenagearam Mãe Hilda Jitolu

05

A sociedade civil, o Estado da Bahia, o Município de Salvador; o Ministério da Cultura; o Conselho Estadual de Educação da Bahia; o Comitê Organizador do Movimento 1000 Mulheres para o Prêmio Nobel da Paz; a Câmara Municipal de Salvador; o grupo A Mulherada, as publicações Mulheres do Vento, Mulheres do Tempo; Brasileiras Guerreiras da Paz; Mãe Hilda: a história de minha vida; a Associação Cultural Bloco Afro Ilê Aiyê.

# Mãe Hilda recebeu Prêmios, Medalhas e Condecorações

## 06

1. Prêmio Unicef ao Ilê Aiyê pela Escola Mãe Hilda
2. Medalha de Ouro
3. Medalha de Honra
4. Chave da Cidade do Salvador no Carnaval do ano 2003

07

**Mensagens  
dirigidas à Família  
biológica de Mãe  
Hilda, ao Ilê Aiyê  
e ao Ilê Axé Jitolu:  
Orum está mais  
alegre com a  
chegada de Mãe  
Hilda.**

Nós aqui no Aiyê sentimos saudades, mas nos sentimos mais fortalecidos com a presença de mais um ancestral nosso no Orum.

Por ocasião da passagem de Mãe Hilda Jitolu, pessoas e entidades da Sociedade Brasileira disseram:

## **Tributo a Obaluayê**

Sr. Obaluayê, Sr. Omolu, dono dos mistérios, dono das riquezas, dono da terra, dono do aquecimento, senhor da cura, senhor da humanidade.

Ancestral fiel daqueles que o buscam com sinceridade. Senhor benigno, magnânimo.

Senhor que não conhece a desigualdade.

A continuidade de uma pessoa e de uma família se realiza. Para aqueles que creem em dois níveis, entre os seus descendentes e através dos retornos, que segundo a vontade de Olodumaré, se realizam, quando recebendo o ORI daqueles que se foram, das mãos de Nanã.

- ◆ Mãe Hilda viveu plenamente sua trajetória de Mãe, de líder espiritual de um povo, de mentora espiritual de uma das mais sólidas instituições de combate ao racismo, e de luta por um mundo mais justo deste país. Sua força, sua sabedoria são nosso legado, de sua humildade ativa, ou sua altivez humilde, sua doçura e força de Axé.
- ◆ Não só o Ilê Aiyê, não só o povo negro, nem o povo de Candomblé, mas todos os que a conheceram e os que não a conheceram, perderam uma grande matriarca, guardiã da fé e da tradição africana e, acredito que é:
  - ◆ Referência de sabedoria, respeito, fé, luta e carinho.
  - ◆ A nossa escola se sente entristecida pela perda irreparável de Mãe Hilda.

- ◆ A partir de agora ela irá se juntar a tantos outros que lá estão prontos para nova missão.
- ◆ De onde ela estiver estará olhando pela Senzala do Barro Preto.
- ◆ O movimento negro perdeu uma batalhadora na luta contra todos os tipos de desigualdade.
- ◆ Era Mãe Hilda quem comandava a cerimônia religiosa que antecede o desfile do Ilê Aiyê, no sobrado de sua casa. Na sacada de sua casa, ela presidia um rito e pedia licença, principalmente o Obaluayê, divindade que governa a saúde.
- ◆ A cerimônia termina com a soltura dos pombos brancos pelos diretores do Ilê Aiyê, e pela rainha da beleza negra do ano - a Deusa do Ébano do Ilê Aiyê.
- ◆ O exemplo de Mãe Hilda é digno e ético. Mãe Hilda é uma estrela brilhante que nos guia pelos caminhos deixados em nossa memória, pelo seu exemplo. A.N (T.)
- ◆ O legado dela continua a florescer. Mesmo daqui, o trabalho e o espírito dela tocam minha vida profundamente. A sua força espiritual, a luta contra o racismo, a educação de nossas crianças, tudo me inspira, me instiga e me guia para um caminho direito em minha vida. A. do SD.
- ◆ A nação Ilê está de sentimento pela perda da matriarca da família à qual pertença, não só como integrante da Band'Aiyê, mas como membro da família Ilê Aiyê. A.R.(O.D)
- ◆ Na alegria e na tristeza, Mãe Hilda esteve sempre ocupando o seu lugar de baluarte, de árvore da vida, de raiz preciosa, de Mãe de nossas causas. A dor agora é imensa, mas a herança também é a força que vem daí:

Mãe Hilda não nos abandona. D.L

- ◆ Mãe Hilda, sem dúvida, é uma das mais importantes e contributivas Iyalorixás que a Bahia já teve nestes últimos anos. F.Q-J.B.
- ◆ Dona Hedite, Dona Hilda, primeiras moradoras do Curuzu, e outras matriarcas organizaram no Curuzu de Baixo uma comunidade nos moldes de um Quilombo. H.B.
- ◆ Ela nos deixa uma grande lição de vida. J.J.
- ◆ A Escola Mãe Hilda, com seu programa de educação para formação em cidadania, permanecerá, assim como o Ilê Aiyê, mostrando que a vida desta líder religiosa foi vitoriosa, e que dos seus 86 anos, deixou sementes bem plantadas em solo fértil. L.C.S.
- ◆ A história de vida de Mãe Hilda se confunde com a história do Movimento Negro Nacional, desde seus gestos mais simples, até as decisões mais fortes, nos momentos mais precisos. Baobá fincado no mais fundo de sua ancestralidade é esteio desta grande nação Ilê Aiyê. M.P
- ◆ A mulher que acredito ser a Mãe espiritual de um dos mais importantes movimentos de empoderamento do povo negro na diáspora, principalmente pelos instrumentos de luta utilizados: o respeito, a beleza, a família, a paz e o orgulho de suas raízes, traduzindo e emanando da pessoa e da presença espiritual de Mãe Hilda, a quem eu tenho a consciência que devo muito. R.M.
- ◆ Mãe Hilda não morreu, pois ícones não morrem. Ela continua conosco, agora temos mais um ancestral. M.P.
- ◆ Sentimo-nos em busca de palavras de consolo para a dor da família e amigos, mas desejamos expressar nossos sentimentos. M.J.S.C/C.

- ◆ Que Deus ilumine a nossa matriarca ancestral por onde caminhares em luz. T.M.
- ◆ Nossa companheira de causa e referência - Mãe Hilda Jitolu - Grande líder, figura histórica do Movimento Negro Brasil Grande, tanto combateu o racismo, trabalhou para a valorização da cultura e da trajetória dos afro-descendentes. Os seus esforços à frente do Ilê Aiyê e da Escola Mãe Hilda servirão de inspiração ao povo que luta e preza por uma sociedade democrática. N.de P.
- ◆ Sob a dor de sua passagem, a comunidade Unebiana sente o desaparecimento da líder espiritual Mãe Hilda - educadora e amiga. UNEB.
- ◆ Peço acalanto para todos os que ficaram. R.C. (A.QU.F)
- ◆ No dia 19 de setembro, a Bahia, o Brasil e todos que desejam construir por um mundo de paz, tolerância e igualdade, perderam uma guerreira, uma líder espiritual, uma sacerdotisa, que há 50 anos comandava o Ilê Axé Jitolu. Com ela, aprendemos que a defesa do povo negro será garantida com a prestação da solidariedade. Em 2010, todos que saímos no Ilê Aiyê sentimos a falta da Mãe Hilda, comandando a cerimônia religiosa, que antecede o desfile do sábado de carnaval. S.LP. (S)
- ◆ Oyá nos leva, nos acolhe, ela ensina o caminho ao Orum. A lyá partiu o Curuzu/Liberdade. Mas Oyá a esperava e com certeza a conduziu dignamente. Z.R./J.S.

**1995—2013**

**caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica**

# **Jônatas Conceição: saubarense de boa cepa**

**Homenagem da Escola  
Mãe Hilda ao saudoso  
diretor do Ilê Aiyê**

**SETEMBRO - 2009**

Mesmo tendo nascido em Salvador - Bahia, no dia 08/12/1952, Jônatas Conceição da Silva - “Nato” ou “Natinho” para os mais íntimos -, teve sua gênese familiar oriunda em Saubara, em virtude do seu pai Tertulino Sales da Silva ser saubarense. O contato, convívio e afinidade com essa localidade praieira vieram desde sua tenra idade, à época das saudosas viagens de saveiros e períodos áureos das salinas e viveiros, quando sua tia Estelina dos Santos (“Tezinha”) e sua irmã mais velha, Laura Alves da Silva, traziam-no juntamente aos seus demais irmãos para passear e visitar parentes.

Durante os períodos de suas férias trabalhistas, Jônatas — sozinho, acompanhado dos seus familiares ou de alguma pessoa próxima — costumava desfrutá-las em Saubara, onde muitas vezes encontrava inspiração para escrever e procurava descansar dos seus labores de professor, de radialista, de pesquisador e de ferrenho militante dos movimentos negros.

Inveterado apreciador do artesanato das rendas de bilros, dos mocós e esteiras, como também das belezas naturais saubarenses, tornou-se um frequentador assíduo de suas praias, rios e riachos. Era um experiente degustador da culinária regional, dela saboreava os escaldados de peixes e camarões e as famosas moquecas de siri catado e mariscos. Nas épocas frutíferas, não dispensava as deliciosas mangas, os doces de cajus e as avermelhadas melancias.

Incentivador e apaixonado pelas manifestações culturais, “Natinho” não media sacrifícios para se deslocar de onde estivesse até Saubara, a fim de assistir aos folguedos das “Caretas” por ocasião dos festejos alusivos ao célebre 2 de Julho de 1823, atinentes à participação

dos saubarenses nas lutas em favor da Independência do Brasil, na Bahia; aos espetáculos das danças lascivas proporcionadas pelas “Cheganças dos Marujos e Mouros”; as encenações teatrais da “Chácara do Zé do Vale” e concertos da Filarmónica São Domingos, que se apresenta quando das celebrações religiosas em louvor e reverência ao Domingos de Gusmão “Padroeiro de Saubara” além de performances dos “Ternos de Reis”, “Comédias” e “Bailes pastoris”, durante as celebrações natalinas.

Muitos dos sonhos de Jônatas Conceição planejados para a “sua Saubara” não chegaram a ser realizados. Quando estivesse aposentado, aspirava residir definitivamente em sua casa edificada nesse município. Sonhara, principalmente em trabalhar em prol de uma educação de qualidade para os filhos dos pescadores, roceiros, marisqueiras e artesãos saubarenses, seus inigualáveis irmãos por adoção e consideração. Materialmente, esse grande irmão e amigo, renomado intelectual negro, simples e humilde, deixou-nos repentinamente no dia 03 de abril de 2009, porém, as suas lutas e desejos continuarão firmes, por o considerarmos como eterno em nossos corações.

**Betinho de Saubara**

**Saubara Bahia, 24/06/2009**



## **bibliografía**

Tadiou, Jean-Pierre. *El Negro En La Real Audiencia De Quito (Ecuador)* Ss.xvi-Xviii. Editoras: Abya Ifea Ccopl Yala, 2006.

Iturralde, Edna. *...Y Su Corazón Escapo Para Convertirse Em Pájaro. Relatos Sobre El Pueblo Negro.* Editora Alfaguara, 2001

Miranda, Franklin. *Hacia Una Narrativa Afroecuatoriana, Cimarronaje Cultural En América Latina.* Ediciones Abya-Yala, 2005

*Esmeraldas Su Historia Y Sus Atractivos Tuísticos.* Esmeraldas - Ecuador, 2007.

*créditos da edição 2025*

**Universidade Federal do Recôncavo da Bahia Reitora:** Georgina Gonçalves Dos Santos • **Vice-Reitor:** Fábio Josué Souza Dos Santos • **Pró-Reitor de Extensão e Cultura:** Danillo Silva Barata • **Coordenação de Cultura e Universidade:** Fabiana Comerlato • **Coordenação de Extensão Universitária:** Maria Da Conceição De Menezes Soglia

**Anjo Negro Selo Editorial**

**Editor:** Danillo Silva Barata • **Editora Executiva:** Iansã Negrão • **Coordenação:** Morgana Miranda • **Revisão:** Joana Rizerio • **Tratamento de Imagem:** Roberto Abreu • **Digitalização dos Textos:** Leandro Sales • **Projeto Gráfico:** Iansã Negrão/ Casa Grida • **Design:** Iansã Negrão, Morgana Miranda & Isabella Coretti • **Produção Executiva:** Robson Oliveira • **Restauração:** Morgana Miranda e Rex

**ISSN 2236-6784**  
**e-ISSN 2764-5878**

---

Permite-se a reprodução das informações publicadas, desde que sejam citadas as fontes

*créditos da edição original*

Projeto de Extensão Pedagógica  
Caderno de Educação do Ilê Aiyê  
**Vol. 17 – Pérola Negra do Equador**

---

Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê  
Aiyê

**Diretoria**

Hilda Dias dos Santos (Mãe Hilda) *in memorian*

**Presidente:** Antônio Carlos dos Santos Vovô

**Vice Presidente:** Aliomar de Jesus Almeida

Fernando Ferreira de Andrade Filho •  
Dário da Páscoa • Jônatas Conceição da  
Silva (*in memorian*) • Hildete Valdevina  
dos Santos Lima • Edson Tobias de Matos •  
Wilson Batista dos Santos • Osvalrízio do  
Espírito Santo • Paulo Raimundo F. Bonfim  
(*in memorian*) • Edmilson Lopes das Neves •  
Roberto dos Santos Rodrigues • Oduvaldo  
de Jesus Santos (*in memorian*) • Arany  
Santana Neves Santos • Elizete Matos dos  
Santos • José Carlos dos Santos • Vivaldo  
Benvindo dos Santos • Paulo Cezar da Costa  
Cerqueira • Maria de Lourdes Siqueira

**Coordenação Pedagógica:** Jônatas Conceição  
da Silva (*in memorian*) **Pesquisa:** Maria  
de Lourdes Siqueira **Capa e Ilustrações:**  
Mundão **Colaboração:** Sandro Teles **Edição  
e Produção:** Via Direta Comunicação  
(Benneh Amorin) **Editoração e Diagramação:**  
Helida Rocha **Revisão:** Nice Ramos

End. Rua do Curuzu, 228, Liberdade  
CEP 40365 000, Salvador • Bahia  
Teleone 71 2103 3400  
Telefax 71 2103 3400  
Site [www.ileaiye.org.br](http://www.ileaiye.org.br)  
E-mail [ileaiye@ileaiye.org.br](mailto:ileaiye@ileaiye.org.br)



**PROexc**

PROJETOS DE EXTENSÃO E CULTURA

**UF**B

Universidade Federal do  
Recôncavo da Bahia

**TI PALMARES**  
FUNDAÇÃO CULTURAL

MINISTÉRIO DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DA  
EDUCAÇÃO

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO